

OFICINAS DE MOVIMENTO: CORPO, CLÍNICA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Julia Alano Porta
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
julia.alano@gmail.com

Yan Menezes Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
yan_oliveira@hotmail.com

Corpo e Clínica

RESUMO:

Desenvolvimento, a partir de experimentações corporais, de uma prática que denominamos Oficina de movimento, no qual são trabalhados quatro elementos: Grounding; Respiração; Contato; Fluxo. Entendemos que a proposta de criação de Oficina de Movimento passa por uma proposta clínica de a pensarmos como Clinâmen - produção de desvios – colocando em evidência o processo de constituição e invenção dos corpos e dos processos de subjetivação. Introdução a essa modalidade de intervenções e estudos clínicos e experimentais sobre e com os corpos dentro da Psicologia. Estudos que visam a não separação de corpo e mente e, sim, uma perspectiva da produção de subjetividade contemporânea onde o corpo está sempre em evidência e em vias de se produzir. Proposição de estudos e intervenções, sempre em conjunto e sempre a partir do princípio da experimentação em lugar da interpretação, para que se denunciem nos próprios corpos a captura capitalística que visa a mecanização dos gestos e a homogeneização da produção desejante. Primazia da invenção de formas singulares e diferentes como resistência ao assujeitamento material e subjetivo do modo vigente de produção, dando, assim, papel privilegiado à arte nos processos de resistência e criação.

PALAVRAS-CHAVE:

Corpo; Clínica; Produção de Subjetividade; Movimento; Psicologia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compartilhar uma experiência atualmente produzida na Universidade Federal do Espírito Santo com o Coletivo SomosKorpuz dentro da graduação e pós-graduação em Psicologia e Psicologia Institucional, respectivamente. Discutimos a temática do Corpo, Clínica e Produção de Subjetividade a partir de algumas experimentações corporais denominadas Oficinas de Movimento.

Essa escrita começa a trazer pequenos movimentos para pensarmos o trabalho corporal aliado à Esquizoanálise e à Filosofia da Diferença. Vemos como esses pequenos movimentos fazem-se necessários, pois a Psicologia Corporal a partir da Análise Bioenergética acabou por caminhar pensando o corpo a partir de uma determinada meta, uma suposta interpretação, uma linguagem própria, no qual há uma privatização de seus sentidos no corpo-indivíduo. Vemos que o trabalho em Psicologia Corporal ainda caminha no sentido de alcançar um ideal genital e de, nesse trajeto, enxergar as diferenças e os desvios como algo negativo. Acreditamos que nosso trabalho se faz importante ao trazer a experimentação corporal não mais para se interpretar as formas, mas a partir dos fluxos que perpassam e compõe o corpo e sua organização em seu contínuo processo de produção de sentidos e de diferença, evidenciar os processos de constituição do sujeito e a processualidade do viver.

Já não se trata mais do que é o corpo, mas do que pode um corpo, produzindo um deslocamento na pergunta metafísica “o que é um ser?” para “o que pode um ser?”, pois aquilo que é limita a força, a potência de existir/diferir, enquanto aquilo que pode implica na expansão da vida em sua potência de diferir (OLIVEIRA, 2011).

Propusemos, então, torcer a ideia de Grupo de Movimento trazida pela Bioenergética, da qual o termo Oficina de Movimento emerge. Gama e Rego (1996) colocam que o objetivo de um Grupo de Movimento

(...) é ajudar cada participante a fazer um maior contato com seu próprio corpo, a amplificar as sensações corporais, a tornar-se consciente das tensões musculares e dos bloqueios existentes em seu corpo e, trabalhando com movimento e respiração num processo bem gradual, buscar sua liberação. O resultado ao qual esperamos chegar com este processo é um fluxo mais livre de energia no corpo, o qual traria consigo um sentimento mais intenso de estar vivo, o qual, por sua vez, aumentaria nos participantes a capacidade de sentir prazer (GREEN apud GAMA; REGO, p.18, 1996).

Tal objetivo traz elementos que utilizamos nas Oficinas de Movimento, tais como o contato, respiração, fluxo e com isso um processo de sensibilização do corpo. Ao trazermos a palavra Oficina, no entanto, buscamos trabalhar através do caráter de produção, e não de libertação, no qual o movimento aparece como invenção de novos mundos possíveis (BORGES, 2009). Assim, colocamos em evidência outros modos de se pensar um corpo ao trabalharmos com as oficinas, no qual, como coloca Klauss Vianna (2005), o importante são as micropercepções, os espaços entre os ossos, o que acontece nos entrededos, no qual o conhecimento anatômico dele apenas o impulsiona para as potências de um trabalho com um corpo vivo.

A partir disso, entra nesse trabalho a ideia de produção de subjetividade e produção de corpos. Os corpos que somos compõem a máquina capitalística mundialmente integrada (GUATTARI, 1990). Em coexistência com tal máquina, produzimos sentidos, modos de vida, modos de pensar, de produzir corpos, que,

inúmeras vezes, são como matérias pré-fabricadas que se encaixam em modelos hegemônicos e homogêneos de produção. Nosso desejo é capturado e, mesmo o que consideramos mais individual e único, passa a ser peça de uma servidão maquínica (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Entretanto, em outro polo que compõe esses processos de produção, criamos, sempre de forma coletiva, um corpo da invenção, no qual algo incessantemente novo é elaborado, algo atravessado pelo viés de uma arte. Uma produção estética da desconstrução de um corpo padrão para permitir que singularidades sejam construídas.

Com as Oficinas de Movimento compusemos um espaço para experimentar em nossos próprios corpos como essa produção opera de uma certa maneira, seja em nossos gestos, posturas, tensões, expressões, agressões, num jogo entre produção de forma e passagem de fluxos. É nesse ponto que afirmamos as noções de Educação Somática e Produção de Autonomia para trazer nos corpos as aprendizagens acerca dos processos de singularização, como eles se dão e como podemos dar passagem a eles, incorpora-los.

Como podemos desorganizar algumas formas estereotipadas e organizar outras, em outras relações, num processo contínuo que opera o tempo todo. A Oficina é uma continuidade da construção e desconstrução dos corpos com o diferencial da pausa para que esse processo seja acompanhado, cartografado e cuidado. Localizamos, assim, um movimento clínico, de produção de diferenças e de singularidades, pensando nessa clínica como Clinâmen e não mais como Klinikos, como aponta Barros e Passos (2001)

derivada do grego *klinikos* ("que concerne ao leito"; de *klíne*, "leito, repouso"; de *klíno* "inclinar, dobrar"). (...) entendemos o ato clínico

como a produção de um desvio (*clinamen*), na acepção que dá a essa palavra a filosofia atomista de Epicuro (1965). Esse conceito da filosofia grega designa o desvio que permite aos átomos, ao caírem no vazio em virtude de seu peso e de sua velocidade, se chocarem articulando-se na composição das coisas. Essa cosmogonia epicurista atribui a esses pequenos movimentos de desvio a potência de geração do mundo. É na afirmação desse desvio, do *clinamen*, portanto, que a clínica se faz (p. 93).

Pensamos a Oficina como um espaço no qual ocorrem conflitos, desvios, desestabilizações que abrem o corpo para a variabilidade e para a multiplicidade na experimentação corporal e “faz bifurcar um percurso de vida na criação de novos territórios existenciais” (TEIXEIRA; BARROS, 2009). A partir de Keleman (1989) a Oficina de Movimento torna-se um espaço de Educação Somática no qual “o educador somático é mais do que um mecânico do corpo ou um intensificador de emoções, é uma pessoa que trabalha com um processo de criação” (p.93), de produção de sentidos. A partir disso, pensamos quatro elementos básicos, quatro pistas provisórias, por onde podem passar esses processos de produção de uma oficina de movimento: Grounding, Contato, Respiração e Fluxo.

GROUNDING

Denominamos grounding, ou “enraizamento”, a construção de uma base de contato do corpo com a realidade. Segundo Lowen (1997) o grounding é um processo energético em que um fluxo de excitação percorre o corpo, da cabeça aos pés. Tecnicamente, o processo do grounding seria intensificado/evidenciado em algumas posições corporais onde se produz uma tensão mais pontual (leve dobradura de joelhos, pernas ou quadris erguidos, costas arqueadas, etc) que

faria vibrar o corpo. É, normalmente, uma forma/postura estável em que se permanece por mais tempo sentindo as intensidades das tensões e fluxos que perpassam o corpo. Esses movimentos abrem tanto a respiração, jogando-a para o abdômen, quanto abrem fluxos afetivos e emotivos diversos. O grounding é um território de passagem inicial que se cria para dar formas a esses fluxos que vão surgindo, criando um chão, um território para trabalhar essas experimentações, sempre provisório.

RESPIRAÇÃO E FLUXO

Experimentar a respiração como forma de abrir passagem, excitar o corpo, preparar esse corpo para o trabalho, estimulando a pulsação num movimento de contração e expansão. A pulsação é a nossa forma de sentir afetos, de lidar com esses encontros que nos compõe. Os corpos sempre sentem, sempre são afetados de alguma forma, e assim, a respiração amplia a dimensão e a variedade dessa afetação.

A respiração se multiplica, ganha outras formas e abre outros fluxos no corpo, dá passagem e começa a engrenar movimentos, andares, gestos, pensamentos, posturas, deixando passar aquilo que vai se experimentando ali, faz fluir outros movimentos. Tudo isso acontece junto, o tempo todo na oficina, acompanhamos esses processos parciais e singulares. Esse fluxo de sensações, gestos posturas, memórias, sentidos e significados, é o terceiro elemento que observamos.

CONTATO

Esses processos não se dão em mim ou no outro. Acontece numa clínica/oficina que é, literalmente, povoada, no sentido que estamos trazendo da

multiplicidade. Contato com o outro, o outro não só enquanto individualidade, mas que é sempre outros entre nós e outras pessoas da oficina, das nossas vidas. Fazemos contato com esse estranhamento, nesses agenciamentos coletivos que vão se produzindo ao longo das experimentações, criando novos territórios existenciais no/com os corpos. Como eu suporto as formas que faço contato e como os outros ao meu redor a compõe, limitam-na, suportam-na também.

CONCLUSÃO

Em uma oficina, experimentamos tudo isso. Quando nos propomos a fazer esse trabalho, há uma demanda e uma responsabilidade de cada um por ter escolhido estar ali, por ter escolhido se lançar naquelas experimentações. Nós alongamos, aquecemos, fazemos os fluxos se intensificarem, abrimos os corpos, percebemos essas passagens que operamos no movimento. Aterrorar e experimentar, sempre perguntando: Como? Como aterro? Como flui? Como respiro? Como mantenho o contato? O coordenador sugere alguns exercícios, passa comandos, e as pessoas que participam se transformam e guiam esses comandos também. Sempre entre. E então se experimenta uma forma, intensifica-a. É suficiente por agora? Como você a explora? Qual a forma que dói? Qual aquela que potencializa algo? Montar e desmontar formas explorando esse processo. Apenas estar presente. Registrar o que se passou. Uma palavra, um gesto, uma impressão. Criar um registro. A oficina mescla uma Educação Somática que sempre se atualiza, pensando nessa produção de autonomia como produção de saúde, de subjetividades, e de uma aposta Clínica que abrange as dimensões ética, política e estética do existir.

REFERÊNCIAS

BARROS, R. B.; PASSOS, E. Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. **Revista Psicologia Clínica**, v.13, n. 1, 89-100, 2001.

BORGES, H. **Sobre o Movimento, o corpo e a clínica**. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa, São Paulo: Ed. 34, 1995.

GAMA, M. E. R.; REGO, R. A. Grupos de Movimento. **Cadernos Reichianos**, nº1. 2ªed. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1996.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

KELEMAN, S. **Padrões de Distresse, agressões emocionais e forma humana**. São Paulo: Summus editorial, 1989.

LOWEN, A; LOWEN, L. **Exercícios de Bioenergética: O caminho para uma saúde vibrante**. São Paulo: Ágora, 1985.

OLIVEIRA, P. **Horizontes da Clínica**: Deslocando a pergunta “o que é um ser?” para “o que pode um ser?”. Dissertação de Mestrado em Psicologia Institucional. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

TEIXEIRA, D. V; BARROS, M. E. B. Clínica da atividade e cartografia: construindo metodologias de análise do trabalho. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 81-90, 2009.

VIANNA, K. **A Dança**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.